

## OS CAMINHOS EDUCACIONAIS DE LÍGIA PINA: ARTE, TEATRO E POESIA DA EDUCADORA SERGIPANA

Bianca Sthephanny Martins Gomes<sup>1</sup>  
Dirce Rodrigues da Costa Nascimento<sup>2</sup>

### GT 12 – História da Educação

#### RESUMO

Este artigo tem como função apresentar a educadora sergipana Maria Lígia Madureira Pina (1925-2014), objetivando classificá-la como professora intelectual. Utilizaremos da metodologia bibliográfica tendo como fontes fotos e poemas da professora, compreendendo o momento histórico em que ela viveu. Além disso, analisaremos as imagens escolhidas com base no *image watching* (Amorim; Kress, 2020), que consiste em sete etapas. A profa. Lígia também foi responsável pela criação de peças de teatro que contextualizavam o conteúdo que era ensinado aos seus alunos, para isso, utilizaremos Freire (2015) buscando entender como as peças auxiliam no processo de autonomia do educador e educando. Finalizamos a escrita do artigo, classificando a professora Lígia como professora intelectual com base em Giroux (1997).

**Palavras-chave:** Educação e Arte; História da Educação; Intelectual Educadora.

#### ABSTRACT

The purpose of this article is to present the Sergipe educator Maria Lígia Madureira Pina (1925-2014), with the aim of classifying her as an intellectual teacher. We will use bibliographical methodology, using photos and poems of the teacher as sources, understanding the historical moment in which she lived. In addition, we will analyze the chosen images based on image watching (Amorim; Kress, 2020), which consists of seven stages. Lígia was also responsible for creating plays that contextualized the content being taught to her students. For this, we will use Freire (2015) to understand how plays help in the process of educator and student autonomy. We will end the article by classifying Lígia as an intellectual teacher, based on Giroux (1997).

**Key-words:** Art and Education; History of Education; Intellectual Educator.

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação. Doutoranda em Educação – Universidade Tiradentes. Grupo de Pesquisa História da Educação no Nordeste (GPHEN/UNIT). E-mail: b.martinsgomes@gmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Educação. Doutoranda em Educação – Universidade Tiradentes. Grupo de Pesquisa História das Práticas Educacionais (GPHPE/UNIT). E-mail: dircercnascimento@gmail.com

## INTRODUÇÃO

No início, pensamos apenas em cruzar nossos objetos (Colégio Tiradentes e Academia Sergipana de Letras) para o desenvolvimento deste artigo. Perpassamos por diversas ideias que não faziam sentido para aquilo que sentíamos vontade de escrever, mas não tínhamos descoberto o quê. Até que cruzamos com a ideia de falar sobre uma atuante da educação em Sergipe, trazendo a memória e uma parte da historiografia educacional sergipana.

Percebemos que a escolha de Maria Lígia Pina foi a certa ao nos depararmos com seu currículo: formada em História e Geografia, atuou em grandes colégios como o Atheneu Sergipense, o Instituto Rui Barbosa, o Colégio Tiradentes e o Colégio de Aplicação. Além disso, foi responsável pela criação de diversas peças de teatro, palavras cruzadas e charadas que utilizava para educar aqueles que não estavam na escola.

Maria Lígia utilizava de ferramentas para educação fora do espaço escolar, um meio de complementar o que era ensinado na sala de aula. A professora encenou peças de sua autoria no Teatro Atheneu como O Ponto Ômega. Além disso, foi responsável pela escrita das peças O Viajante do Tempo, Os Caminhos da Filosofia, Patrícios x Plebeus, A Reportagem Espacial. As encenava em sala de aula em parceria com os alunos do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe.

Entretanto, é necessário compreender o momento histórico em que Maria Lígia viveu e o que ela passou para se tornar professora. Objetivamos entender a professora Lígia como professora intelectual. Para tal, utilizaremos da metodologia bibliográfica, tendo imagens e poemas como fontes para constituição da pesquisa. Afinal, “fomos treinados para fazer pesquisas em ciências sociais de maneiras que capturam a vida e a tornam a vida em uma imagem a ser consumida por um público” (Krueger-Henney; Kress; Amorim, p. 362, 2023).

Aqui destacamos a utilização da metodologia *image watching* como forma de analisar criticamente as imagens utilizadas. O sistema propõe a formação de um quadro com sete etapas que contribua com o envolvimento dos alunos e os deixe confortáveis para explorar obras expostas. As etapas são: acessando, descrevendo, refletindo, desenvolvendo, fundamentando, conectando e expressando (Amorim; Kress, 2020).

A primeira etapa (acessando) consiste na observação rápida da imagem que se pretende analisar. A segunda (descrevendo) identifica detalhes presentes na imagem. A terceira (refletindo) propõe a reflexão com elementos da sociedade, trazendo significações à imagem. A quarta

(refletindo) pretende relacionar a imagem analisada com o contexto político, social, econômico e cultural. A quinta (fundamentando) é a etapa em que traz autores para refutar as ideias postas anteriormente. A sexta (conectando) determina a busca por informações extras. A última etapa (expressando) é a parte em que o autor do texto traz sua opinião em relação à imagem e aos pontos anteriores.

Além da utilização do *image watching* (Amorim; Kress, 2020), trabalharemos com Freire (2015) para compreender as peças de teatro da professora Lígia como um processo de autonomia das práticas pedagógicas em busca da criticidade, Giroux (1997) como forma de entender a profa. Lígia como professora intelectual. E para homenageá-la nada mais justo que nomear nossas seções com títulos de suas obras.

## **A MULHER NA HISTÓRIA:** feminilização do magistério

A visão da mulher como ser de natureza dócil e feminina foi construída ao longo de séculos com a ajuda de estudos de grandes educadores, como Pestalozzi (2006) que afirma ao longo das 34 cartas que compõe o livro, o amor, principalmente maternal, é fundamental para a constituição da educação do homem e que ela deve estar presente em todas as etapas da vida.

Essa ideia ainda é forte no século XX:

As escolas viam na mulher a figura ideal para o professorado. Criava a imagem idealizada da mulher como pura e santa, ao mesmo tempo dotada de valores morais e biológicos. Ou seja, a projeção da mulher-mãe, que deveria ter o papel de educadora e que permitia a união entre o campo doméstico e o campo público, capaz de ensinar os homens a serem cidadãos. Mãe e professora deveriam exercer conjuntamente, a maternidade cívica nos lares e no espaço escolar. Os atributos femininos possibilitavam, portanto, a entrada da mulher no magistério, e por outro lado, eram fatores negativos da função social que ocupava, o que tornava o discurso de inserção da mulher no magistério, contraditório (Alves, 2023, p. 44).

A mulher era a representação da mãe, que deveria cuidar dos alunos e ensiná-los de forma carinhosa, tendo que ser exemplos a serem seguidos dentro e fora da sala de aula. Até meados do século XX as professoras eram responsáveis por ministrar matérias relacionadas ao cuidado doméstico para garantir às suas alunas casamentos bem sucedidos. A mulher era escolhida por ser vista como uma “educadora natural” (Santos, 2019).

Ainda no século XX, o ensino se torna por uma popularização, chegando à diversas camadas sociais. Em partes, a educação feminina sai do ensino para o lar e se modifica para o

ensino político com a efervescência ideológica iniciada em 1930 entre os intelectuais que discutiam a política educacional brasileira. Dessa forma se começa a delinear um modelo de sociedade política, que buscava a construção de um Brasil industrializado e desenvolvido, o que possibilitaria a democratização do ensino (Alves, 2023, p. 44).

O processo de modernização que o Brasil passou no período citado anteriormente foi fundamental para a inclusão de mulheres de todas as classes sociais terem acesso à formação, já que as que tinham acesso à educação eram pertencentes à elite e, posteriormente, à burguesia.

As Escolas Normais – criadas no século XIX e com foco principalmente ao público masculino – passaram a ter seu público modificado ao feminino no decorrer do século seguinte. Isso porque é no trabalho como docentes que as mulheres veem uma forma de auxiliar nas finanças de casa e garantir ao menos parte da sua liberdade financeira.

Maria Lígia adentrou na Escola Normal em 1947 presenciando as mudanças educacionais da época. Não assumiu imediatamente o magistério, mas realizou cursos de puericultura e o Treinamento de Serviço Social.

## **FLAGRANDO A VIDA**

Maria Lígia Madureira Pina nasceu em Aracaju, a 30 de setembro de 1925, filha de Affonso Pinna e de D. Alexandrina Madureira Pinna. Fez as primeiras letras com a Professora Carlota Sales de Campos, no Colégio Frei Santa Cecília, em Aracaju, transferindo-se depois para o Grupo Escolar Manuel Luiz, na capital sergipana. Estudou no curso primário no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, dirigido por freiras, as Irmãs Sacramentinas, e era voltado para a educação cristã feminina. Depois, cursou o secundário no Instituto de Educação Rui Barbosa, onde se qualificou como professora primária, no ano de 1947.

Apesar da sua formação para o magistério, Maria Lígia foi atuar no comércio, no escritório da firma Cabral Machado & Cia, atividade da qual se desligou, como anota Nascimento, ao frisar que

Diante da sua vocação pelo magistério, principalmente porque havia conquistado, no curso do Instituto de Educação Rui Barbosa, um amadurecimento social e cultural capaz de transmitir aos adolescentes aracajuanos, os conhecimentos obtidos naquela modelar instituição de ensino público, formadora de uma plêiade de profissionais de ensino, que se destacaram no cenário educacional do Brasil (Nascimento, 2000, p. 74).

Com efeito, passou a atuar como professora autônoma, ministrando aulas particulares a crianças, auxiliando-as nas suas tarefas escolares. Posteriormente ela se submeteu ao vestibular da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, onde se licenciou em Geografia e História, no ano de 1958. A partir daí, passou a ministrar aulas de História no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, no Colégio Tobias Barreto, no Atheneu Sergipense e, a convite de Dom Luciano José Cabral Duarte, então diretor da Faculdade de Filosofia, foi lecionar aulas de História no Colégio de Aplicação, unidade de ensino a ela vinculada.

No Colégio de Aplicação, no ano de 1975, a professora Maria Lígia pôde encenar com os seus alunos a peça O Viajante do Tempo, que havia escrito como ferramenta didática para motivar os alunos no estudo da disciplina de História. Com a incorporação do Colégio de Aplicação à Universidade Federal de Sergipe, ela foi mantida no seu quadro funcional, mantendo-se nessa instituição até a sua aposentadoria.

Além da sua atuação nessas unidades educacionais sergipanas, Maria Lígia foi militante no Sindicato dos Professores da Rede Particular de Ensino de Sergipe, chegando, inclusive, à sua Presidência. Nesse sindicato ela contribuiu com o equilíbrio das relações entre os empreendedores e os professores e trabalhadores do ensino particular.

Foi, portanto, relevante a sua atuação no espaço educacional, não só com a sua participação efetiva na sala de aula, como na escrita sobre temas voltados para a educação e na sua representação em eventos relativos aos estudos educacionais no Brasil e no exterior.

Paralelamente às suas atividades no magistério, Lígia Pina muito produziu literariamente, destacando-se os trabalhos didáticos: As Riquezas do Brasil, O Poema Histórico da Ordem Sacramentina, O viajante do tempo, O Ponto Ômega, Os Caminhos da Filosofia, Patrícios x plebeus e A Reportagem espacial. Foi Secretária da antiga Associação de Geógrafos do Brasil, Secção de Sergipe, do Centro de Pesquisa Histórico da Universidade Federal de Sergipe. Frequentou o Seminário de Sistemas Educacionais de Israel, em Tel Aviv e o de Educação Comparada Brasil-Israel, no Rio de Janeiro, em 1989. Tomou posse na Cadeira n.º 27, da Academia Sergipana de Letras a 13 de maio de 1995, sendo saudada pelo Acadêmico José Anderson Nascimento.

Atuou como Conselheira do Conselho Estadual de Cultura, do qual foi a sua Vice-Presidente. Cronista detentora de uma linguagem erudita, tendo registrado aspectos importantes das relações humanas da atualidade, sendo bastante festejada pela crítica especializada.

Logo se vê que a vida e a obra de Lígia Pina a inserem no conceito de intelectualidade.

Duas acepções do intelectual, uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e os "mediadores" culturais, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento. No primeiro caso, estão abrangidos tanto o jornalista como o escritor, o professor secundário como o erudito. Nos degraus que levam a esse primeiro conjunto postam-se uma parte dos estudantes, criadores ou "mediadores" em potencial, e ainda outras categorias de "receptores" da cultura. (Sirinelli, 2003, p. 242).

Lígia, além de escritora e poetisa, era mediadora cultural, porque enquanto professora transmitia a cultura para os seus alunos, fazendo-os reconhecer-se como agentes transformadores e ativos culturalmente.

Com a turma do 1o ano científico. "O viajante do Tempo" é assim: como se um astronauta se deslocasse da nossa civilização para encontra as civilizações do Crescente Fértil era o assunto do 1o ano era naquela época, então eu fiz a adaptação de textos, eu fiz assim: o Narrador é aquele que coordena o texto. O narrador cita - onde a gente vai. Ato meu cinto de segurança, faço a contagem regressiva e... decolo. Houve-se o som da decolagem. Aí o narrador diz: aonde a gente vai atravessando o grande canal, estamos vendo o rio Nilo, entramos no palácio real. Hamurabi está promulgando a lei de Talião. Aí um menino vestido a caráter faz o papel de Hamurabi. Depois, vem outras partes. Vamos entrar depois na Mesopotâmia entre os rios Tigre e Eufrates, fala sobre o que eles criaram e passaram pela civilização etc. Depois vem aí aquele poema de Gilgamés, a história do dilúvio e assim sucessivamente. Aí vai para a Palestina encontra o profeta Isaías anunciando a reconstrução e volta do novo do Cativo da Babilônia e esse texto me eu acho belíssimo de Isaías. Ainda tem antes disso Amenófis IV, depois então tem o Gilgamés [...], termina assim voltando ao mundo atual e o que nós vemos? Seqüestros, racismos, guerras, crimes hediondos, massacres, luto dor... Então o coro diz: o que fizeram de Confúcio, Buda, Sócrates e Jesus Cristo? Valeu a pena o sacrifício dando as suas vidas? o narrador: fala: em nome de Cristo que pregou a paz. Essas lutas no Líbano, Palestina, contra árabes e na Irlanda cristãos contra cristãos. Então na cena final todos participantes caminham - foi muito bonito - caminharam do fundo do palco para o procênio apontando para o público, fazendo essa pergunta: o que fizemos de Buda, Confúcio, de Sócrates, de Jesus Cristo? (Martires, 2016 *apud* Lígia Pina, 2004)

Ao nos depararmos com essa fala da professora Lígia, não poderíamos deixar de relacionar sua peça com as ideias de Freire (2015) no livro *Pedagogia da Autonomia*. Maria Lígia utiliza o teatro como forma de contextualizar os conteúdos aprendidos por sua turma de História do 1º ano e a comunicação é a peça central do seu processo de ensino.

FIGURA 1: peça “O Mártir da Liberdade”



Seta apontada para a profa. Lígia. Martires (2016, p. 72).

A peça é uma forma de tentativa da saída do tecnicismo presente em sala de aula em que o ensino é pautado, por vezes inconscientemente, no “depósito” de conhecimentos, em que o professor fala e o aluno apenas ouve. As peças são ferramentas utilizadas pela professora para gerar, nos alunos, a compreensão do conteúdo.

A construção das peças é o momento ativo do desenvolvimento de conhecimentos, aonde há a troca de saberes entre educandos e educadora, em que cada um tem um papel a ser executado para garantir a realização da atividade. A professora auxiliava nos alunos na montagem do roteiro e pesquisa do tema histórico, enquanto os alunos desenvolviam a peça.

Nesse processo não temos a professora como parte central, em que ela carrega todo conhecimento, mas Lígia tem como função “guiar” os alunos para o objetivo final. É um momento de criação em que tanto educador como educandos formam-se juntos.

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender, participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade. (Freire, 2015, p. 26).

O desenvolvimento das peças de Maria Lígia perpassa por diversas mãos para chegar ao resultado final de contextualizar o ensino através dessa prática que aguça a curiosidade dos alunos, utilizando da criatividade, beleza e trabalho em grupo. É o ato de tornar tanto educador e educando

conscientes do processo de aprendizagem, inquietos, investigadores e constantemente curiosos.

Na construção das peças da profa. Lígia podemos perceber o poder da escuta, em que o educador se coloca com humildade para ouvir as sugestões que os alunos possam ter referente à montagem das peças. “Ensinar e aprender têm a ver com o esforço metodicamente crítico do professor de desvelar a compreensão de algo e com o empenho igualmente crítico do aluno de ir *entrando* como sujeito em aprendizagem.” (Freire, 2015, p. 116).

Por conta do trabalho político envolvendo as peças de teatro, consideramos a professora Maria Lígia como intelectual. Como afirmou Giroux (1997): “Essencial para a categoria de intelectual transformador é a necessidade de tornar o pedagógico mais político e o político mais pedagógico” (p. 163). A ação do professor como intelectual está atrelada ao pensar em sua prática pedagógica, tornando-a um meio de luta contra as relações de poder por meio da reflexão da sociedade.

O trabalho do professor intelectual está relacionado com o pensar criticamente em sua prática pedagógica para que reflita aos alunos. É pensar, quando necessário, na alteração de rotas, reconhecendo o acontecimento de uma possível mudança. Mesmo quando o clima político e ideológico não for favorável aos professores, é necessário a inserção da classe nos debates críticos em sala de aula, engajando os alunos.

As peças de teatro da professora Maria Lígia foi a forma em que ela encontrou de encarar assuntos sérios da sociedade, envolvendo os alunos em todo o processo de construção, refletindo sobre o momento histórico estudado.

### **SATÉLITE ESPIÃO:** utilizando o *image watching*

O enfoque dessa sessão está na análise de imagens utilizado o *image watching* (Amorim; Kress, 2020) abordando a intelectualidade da profa. Lígia e seu legado para a educação e cultura sergipana.

Sergipe foi pintado em tela e porcelana por uma professora de História que retratou a historiografia do seu Estado em sua arte, com cores, paisagens e personalidades, ela foi Rosa Faria. Nascida na cidade de Capela, em Sergipe, no dia 28 de abril de 1917, cursou o primário no Grupo Escolar Coelho e Campos e se formou em 1941, no Curso Normal do Colégio Imaculada Conceição, em Capela, quando começou a lecionar. A professora fez o curso de Artes Aplicadas



à Educação, no Departamento Nacional de Aprendizagem Industrial, na cidade do Rio de Janeiro, e passou a utilizar os recursos da pintura para introduzir os seus alunos no universo da arte.

Além da pintura em telas sobre o paisagismo e o casario dos municípios em que atuou com professora, Rosa Faria utilizou-se da arte majólica<sup>3</sup>, ao pintar em pratos e azulejos retratos e paisagens que mostram a História de Sergipe, interagindo com seus alunos principalmente na produção de retratos de personalidades da vida política e cultural de Sergipe e de fatos importantes, como no mural no *hall* da Associação Sergipana de Imprensa, onde retratou o Engenho Unha do Gato, do município de Divina Pastora, que foi palco de importantes episódios da política de Sergipe, como a transferência da capital de São Cristóvão para Aracaju, no dia 17 de março de 1855.

Rosa Faria também se notabilizou pelas comemorações das efemérides sergipanas, principalmente a do dia 17 de março, tanto que, neste dia, no ano de 1968, fundou a Galeria Rosa Faria, que veio depois a ser o Museu de Arte e História “Rosa Faria”, localizado na Praça Olímpio Campos, local em que sua arte era exposta e onde sempre comemorava o aniversário da Capital sergipana, reunindo nesses eventos autoridades políticas, militares, e eclesiásticas, intelectuais e representações escolares, para discursos e apresentação da Banda da Polícia Militar do Estado de Sergipe.

As telas de Rosa Faria hoje fazem parte do acervo da Associação Sergipana de Imprensa e as representações em pratos e azulejos estão no acervo do Memorial de Sergipe, mantido pela Universidade Tiradentes, situado na Praça de Eventos da Orla de Atalaia. No Memorial, Rosa Faria dispõe de uma grande sala, no piso superior, dedicada à sua obra e à sua história.

A professora Lígia Pina foi uma das personalidades sergipanas homenageadas por Rosa Faria, para quem pintou o seguinte prato:

**FIGURA 2:** arte de Rosa Faria em homenagem à professora Lígia Pina

<sup>3</sup> Um processo de decoração usado em cerâmicas de baixa temperatura.



Fonte: acervo do Memorial de Sergipe (2024).

O prato em porcelana traz, por entre os arabescos florais que compõem com arte a história, dizeres representativos ao homenageado, neste caso à Professora Maria Lígia Madureira Pina, como a data do seu nascimento, filiação e profissão. A palavra “Professora”, em destaque logo abaixo do nome, indica a profissão primeira da homenageada. Mas, como também artista, Rosa Faria não poderia deixar de mencionar o lado cultural da Professora Lígia. Pois ela se notabilizou na vida cultural sergipana como “poetisa, contista, cronista, romancista, teatróloga”.

Nota-se também que, diferentemente de outros pratos e azulejos de outras personalidades, na porcelana da Professora Lígia Pina, a pintora deixou em aberto a sua descrição. Com a vírgula entre “romancista” e “teatróloga”, ao invés de utilizar a conjunção aditiva “e”, Rosa Faria nos indica a imensidão infinita da intelectual homenageada. De artista para artista.

Rosa Faria retratou a História de Sergipe, com pintura de telas e porcelanas. Em suas porcelanas ela trazia fatos históricos e homenageava personalidades de relevância na sociedade sergipana, a exemplo de Tobias Barreto, Augusto César Leite, Maria Thetis Nunes. Portanto, ser a Professora Lígia Pina uma de suas homenageadas retratadas na história por sua arte, nos indica que ela estava inserida no contexto social, cultural, educacional e intelectual sergipano.

Assim como Rosa Faria, Lígia Pina utilizava da arte no seu magistério, e, embora sem tintas, também se coloriu por poesia, a exemplo de suas peças e do poema a seguir denominado Poema V de 1998:

Após longa viagem no infinito  
o arco-íris visitou-me.  
Vestiu-me de suas cores  
iluminou-me a alma

e envolveu-me no seu arco de sonhos.

Em suas publicações, Lígia Pina parecia curtir esse universo de viagens ao infinito, que não lhe dosavam como as conjunções aditivas, mas lhe engrandeceram com as vírgulas e reticências de quem flagrou a mudança do mundo e fez história. Dentre as suas publicações, destacamos *Mulher na História* (1994), *Flagrando a Vida* (1998) e *Satélite Espião* (1998), que compõem a imagem a seguir.

**FIGURA 3:** Três obras de Lígia Pina



Fonte: Acervo pessoal, 2024.

Esta foto foi elaborada a partir do mundo que foi se fazer a leitura da vida e da obra da Professora Lígia Pina. O espaço e o tempo são o tema central dessa imagem pois ambos, em sua infinitude, são universos. Assim como livros, como pessoas, como a história.

Livros abertos são planetas que nos permitem histórias infinitas, como as vírgulas de Rosa Faria. E essa imensidão não precisa ser intimidante, pois é possível enxergar no escuro, observar a vida nos planetas de cada um, como os satélites que analisam a Terra; Flagrar a vida e a história de quem passou e está por vir, guardando-a como a ampulheta segura a terra e o tempo, tornando-a inexorável entre a vida.

A ampulheta meio dividida logo acima do livro *A Mulher na História* pode nos remeter às conquistas da pertença e presença feminina na história. Neste livro, Lígia Pina flagrou a vida de

mulheres, destacando personalidades da vida política, cultural e educacional de Sergipe, imortalizando-as em sua obra, já que a sociedade lhes mantinha, muitas vezes, no escuro da pequenez e do esquecimento. Ela nomeou mulheres, e assim o fazia tantas vezes o pudesse, para desvendá-las a nós, as "novas gerações femininas para que lhes sigam as pegadas" (PINA, 1994, p. 401).

## A RELÍQUIA - CONCLUSÃO

Um par de brancas asas tão brancas como um lírio imaculado  
Esvoaça na amplidão executando um excêntrico bailado.  
Adeja acima do cristal do rio quase tocando a superfície aquática.  
Alça um voo mais alto em direção dos mangues  
Verdejantes em curvas graciosas das asas flutuantes brilhando à luz solar.  
Fechando as asas preciosas a garça pousa suavemente e se põe a pescar.

### **Ballet de Asas Brancas – Maria Lígia Madureira Pina (1968)**

Finalizamos esse texto como o poema de Maria Lígia Madureira Pina: nos jogamos na imensidão do desconhecido, que foi a vida da professora, conhecendo sobre sua formação como docente num período de grandes mudanças para a educação feminina. Embarcamos no desconhecido de suas obras e peça de teatro que marcaram os alunos que ela teve contato.

Deixamos como sugestão para pesquisadores que venham a ler esse trabalho, o aprofundamento da pesquisa aqui realizada, o espaço de um artigo científico não é o suficiente para exprimir a imensidão que foi a professora Maria Lígia Madureira Pina.

Aqui, nomeamos a ela, Maria Lígia Madureira Pina, seguindo suas pegadas femininas de história e pesquisa. E concluimos este trabalho homenageando esta garça que viveu de forma leve, ao exercer sua profissão com a brisa e a cor da arte, sempre atenta à superfície, mas provando voos mais altos para pescas maiores, pronta para a queda livre.

## REFERÊNCIAS

**Academia Literária de Vida:** 1- Fundadora - Maria Lígia Madureira Pina. Disponível em: <https://academialiterariadevida.blogspot.com/p/maria-ligia-madureira-pina-e-marlaine.html> .

**Academia Literária de Vida:** Rosa Moreira Faria e a data maior de Aracaju. Disponível em: <https://academialiterariadevida.blogspot.com/2012/03/rosa-moreira-faria-e-data-maior-de.html> .

ALVES, Rozilene Lopes de Souza. **Trajetórias de formação e prática docente nas memórias de professora leigas do Sertão Paraibano (1970 a 1980)**. 2023. 184f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2023. Acesso em: 15 jan. 2024. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/18566> .

AMORIM, S. S.; KRESS T. **Critical Pedagogy analysis framework** (texto inédito). 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

GIROUX, Henry. **Os professores como Intelectuais**. Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

KRUEGER-HENNEY, Patricia; KRESS, Tricia; AMORIM, Simone. This is not a research article: an invitation to mobilize knowledge from the epistemological borderlands of social science. *CULTURAL STUDIES OF SCIENCE EDUCATION (PRINT)*, v. 18, p. 359-375, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11422-023-10178-z> . Acesso em: 21 ago. 2023.

MARTIRES, José Genivaldo. **“Flagrando a vida”**: trajetória de Lígia Pina - professora, literata e acadêmica (1925-2014). / José Genivaldo Martires; orientador Joaquim Tavares da Conceição. - São Cristóvão, 2016. Acesso em: 10 jan. 2024. Disponível em: [https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/4775/1/JOSE\\_GENIVALDO\\_MARTIRES.pdf](https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/4775/1/JOSE_GENIVALDO_MARTIRES.pdf) .

NASCIMENTO, José Anderson. Discurso. **Revista da Academia Sergipana de Letras**, Aracaju, nº 34, 2000.

PESTALOZZI, Johann. **Cartas Sobre Educación Infantil**. Espanha: Tecnos Editorial s A, 2006. 50 p.

PINA, Maria Lígia Madureira. **A Mulher na História**. Aracaju: SEGRASE, 1994.

PINA, Maria Lígia Madureira. **Satélite Espião**. Aracaju: Gráfica Popular, 1998.

PINA, Maria Lígia Madureira. **Flagrando a Vida**. Aracaju: SEGRASE, 1998.

SANTOS, Thaís Souza. **Escola Normal em Sergipe: formação e profissionalização feminina**. / Thaís Souza Santos. Orientadora Maria Izabel Ladeira Silva. - São Cristóvão, 2019. Acesso em: 10 jan. 2024. Disponível em: [https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/12062/2/Thais\\_Souza\\_Santos.pdf](https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/12062/2/Thais_Souza_Santos.pdf) .

SIRINELLI, J. **Os intelectuais**. In: RÉMOND, R. Por uma história política. Rio de Janeiro: EdUERJ; Fundação Getúlio Vargas, 2003.